

O que está acontecendo na associação? o caso da célula de consumidores responsáveis de Canasjurê, Florianópolis

What is happening at the Association? The case of CCR Canasjurê in Florianópolis, SC

Estevan Felipe Pizarro Munõz³²;

Keywords: Food systems, short food supply, agroecology, civic markets, family farming.

RESUMO

A tecnologia social de venda direta e antecipada de alimentos da agricultura familiar agroecológica desenvolvida pelo Laboratório de Comercialização da Agricultura Familiar da Universidade Federal de Santa Catarina chamada de 'Célula de Consumidores Responsáveis' vem se destacando como um interessante e potencial modelo de negócios que caminha ao encontro das alternativas à crise civilizatória gerada pelo regime alimentar corporativo. O objetivo deste estudo é analisar os principais desafios na criação e manutenção de uma CCR, por meio de um estudo de caso da CCR Canasjurê, em Florianópolis, a partir do ponto de vista de um coordenador de consumidores. O trabalho vem sendo realizado desde junho de 2020 por meio de uma pesquisa participante. Os principais resultados do estudo apontam para a necessidade de se construir soluções para os 'vácuos organizacionais' deixados pela eliminação dos intermediários dos processos comerciais, ao mesmo tempo que evidenciam os benefícios necessários e urgentes de um sistema alimentar territorializado.

Palavras-chave: Sistemas alimentares, circuitos curtos de comercialização, agroecologia, mercados cívicos, agricultura familiar.

Contexto

O Laboratório de Comercialização da Agricultura Familiar (LACAF) vinculado ao Centro de Ciências Agrárias (CCA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) vem, desde 2017, experimentando por meio da extensão universitária, uma tecnologia social denominada Célula de Consumidores Responsáveis (CCR)³³. Trata-se de uma inovação social que possibilita uma aproximação entre coletivos de agricultores familiares certificados pela Rede Ecovida de Agroecologia de Santa Catarina, Brasil, junto a coletivos de consumidores urbanos da Grande Florianópolis (Barcelos *et al.*, 2022).

Com um formato simplificado de venda direta por pedido antecipado (VDPA), grupos de consumidores se reúnem em um ponto de partilha para receber os alimentos de grupos de agricultores da região em cestas fechadas. Ou seja, com a oferta de uma diversidade mínima de alimentos (folhosas, frutas, legumes, raízes/tubérculos, temperos/chás) e peso fixo (cesta pequena com 4,5 kg e cesta grande com 9kg), mediante pagamento antecipado e realizado por ciclos (mensalmente). Além disso, para os consumidores que optarem por alimentos e produtos fora da cesta fechada, semanalmente é gerado uma lista de 'Adicionais', onde cada interessado adquire conforme suas

³² Professor do Departamento de Ciências Naturais e Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Desenvolvimento Rural (UFRGS)

³³ Ver mais em: <https://lacaf.paginas.ufsc.br/> e <https://celulasconsumo.ufsc.br/>.

necessidades. A comunicação ocorre de forma direta entre agricultores e consumidores via grupo de WhatsApp mediada por uma coordenação articulada entre agricultores, consumidores e LACAF. Para regular o funcionamento das células e estimular a autogestão, consumidores e agricultores elaboram um Termo de Responsabilidades Compartilhadas, a partir de um modelo proposto pelo LACAF e adaptado para cada CCR, onde são definidos acordos entre agricultores e consumidores para benefício mútuo e responsabilização parte a parte (BARCELOS et al., s/ dt).

Até julho de 2020, existiam 12 CCR na Grande Florianópolis, mas não havia nenhuma CCR na região que compreende o Norte da Ilha de Florianópolis. Essa situação mudou em agosto de 2020 quando teve início a CCR Canasjurê, localizada em uma das sedes da Associação Comunitária dos Moradores de Canasvieiras. O presente relato de experiência objetiva descrever os principais elementos que marcaram a trajetória da CCR Canasjurê e analisar seus principais desafios na criação e manutenção desta inovação social a partir da perspectiva de um coordenador de consumidores.

Descrição da Experiência:

O início que ninguém vê: trabalhos de sensibilização e mobilização de diferentes partes interessadas

A ausência da oferta regular de alimentos agroecológicos a preços justos na região que abrange o Norte da Ilha de Florianópolis, a necessidade de uma alimentação saudável para a minha família e a minha trajetória como docente, pesquisador e extensionista no campo do desenvolvimento rural foram grandes motivadores para que eu pudesse me propor a organizar um grupo de consumidores que viabilizasse alguma experiência de Comunidade que Suporta a Agricultura (DAROLT, 2013).

Apesar de já conhecer a experiência do LACAF desde 2017, foi apenas a partir de março de 2019 que pude, de fato, iniciar o processo de criação de uma

Célula de Consumidores Responsáveis no bairro em que resido, mais especificamente no Núcleo de Educação Infantil Municipal em que meu filho estudava à época, localizado no bairro Forte, região Norte de Florianópolis.

Nesse sentido, procurei a Direção da escola para apresentar a proposta e obter autorização para conversar³⁴ com Pais e Professores, articulei com a Associação Comunitária dos Moradores do Forte um espaço para a partilha dos alimentos (dado que não é permitido nenhuma atividade comercial em uma escola pública) e iniciei um processo de sensibilização junto à comunidade escolar com o apoio da Direção da escola e da equipe do LACAF. Foram diversas tentativas ao longo de 2019, mas não conseguimos mobilizar um número mínimo de 15 pessoas que se dispusessem a conformar um grupo comprometido para iniciar uma CCR.

Apesar da frustração que isso representou, decidi retomar essa iniciativa de criar uma CCR no meu bairro após a deflagração da pandemia da Covid-19 em março de 2020. Isso acabou se tornando um motivador a mais desse processo, pois os agricultores familiares agroecológicos tiveram muitas perdas por conta da suspensão dos canais clássicos de comercialização, especialmente das Feiras Livres.

Dessa forma, em 2020 realizei duas estratégias diferentes em relação à 2019: 1) Em junho daquele ano ingressei no LACAF e passei a conhecer e atuar 'por dentro' do *modus operandi* do laboratório e acompanhar de forma mais próxima a dinâmica de funcionamento das outras CCRs; e 2) Ao invés de focar no público de um local físico específico (como em uma escola da vez anterior), não limitamos nenhum território como critério de participação³⁵.

Para dar início à criação da nova CCR, tínhamos que ter um local de partilha, para

³⁴ A Direção não permitiu o acesso aos telefones da comunidade escolar, de maneira que a comunicação ocorria via recados nas agendas das crianças, bem como por conversas informais na entrada da escola.

³⁵ Vale destacar que as atividades remotas ocorreram em função das necessidades de cuidados exigidos pela pandemia da Covid-19.

armazenar as caixas plásticas e permitir que os consumidores responsáveis retirassem as suas cestas fechadas e os produtos adicionais. Como tivemos muita dificuldade em conseguir 15 interessados na última oportunidade, considerei que teríamos uma CCR necessariamente pequena, razão pela qual ofereci a minha casa como ponto de partilha para dar prosseguimento à metodologia de criação da CCR.

Junto ao LACAF, criamos campanhas de publicidade virtual (facebook, instagram e whatsapp) a partir da identidade visual anteriormente construída para o projeto das CCR e *linkamos* com um formulário de inscrição criado em plataforma digital, onde fomos reunindo os nomes e contatos de pessoas interessadas em se abastecer de alimentos agroecológicos diretamente fornecidos pela agricultura familiar.

Aqui reside um outro elemento importante: utilizei um *network* pessoal, associado com um *network* familiar e profissional da minha esposa para atrair pessoas interessadas. Ou seja, havia pessoas enraizadas no território que promoveram a iniciativa. Essa estratégia deu tão certo que em meados de junho de 2020 tínhamos em torno de 50 pessoas cadastradas no nosso formulário. Essa boa notícia acabou gerando um novo problema, pois a minha casa não seria a mais adequada diante de tantas pessoas. Nesse sentido, de acordo com as informações no cadastro de consumidores, chegou-se até o presidente da Associação Comunitária dos Moradores de Canasvieiras (Amocan) e conseguiu-se a obtenção desse espaço de partilha após apresentar o projeto de extensão universitária da UFSC. Como uma primeira contrapartida, um grupo de consumidores realizou um mutirão de limpeza, visto que a Amocan estava desativada por conta da pandemia da Covid-19.

A partir de então foi criado um grupo de WhatsApp - CCR Canasjurê³⁶ - e foi agendado um encontro virtual para apresentação das pessoas, do projeto CCR, definição de responsabilidades a serem compartilhadas

entre produtores e consumidores, protocolo Covid-19 e definição de uma coordenação de consumidores. Esta reunião contou com a presença de 20 pessoas.

Organizada minimamente a demanda e o ponto de partilha, o passo seguinte seria definir o grupo de agricultores familiares agroecológicos que forneceria os alimentos para a mais nova CCR do Norte da Ilha. Entretanto, um novo problema surgiu, quando o grupo de agricultores que seria responsável por essa CCR considerou que não teria condições de abastecer tanta gente no curto prazo.

Neste caso, o LACAF acionou um novo grupo de agricultores que estava interessado em participar do projeto CCR. Trata-se do Núcleo Serramar de agroecologia, o qual inclui agricultores do litoral sul de Santa Catarina. Desse modo, o LACAF realizou uma série de atividades de capacitação para apresentar a tecnologia social das CCRs e as ferramentas básicas de gestão. O dia de entregas ficou definido para as terças-feiras, a partir das 13 horas.

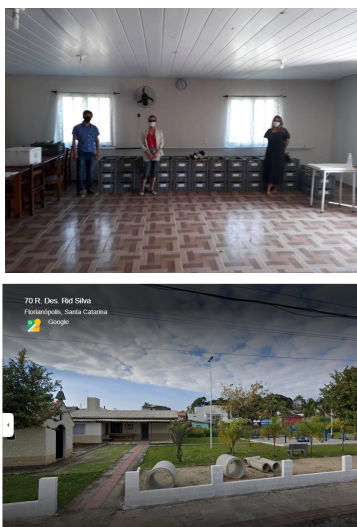
Há aqui três aprendizados que gostaria de destacar neste primeiro momento: 1) Sem a iniciativa e o compromisso de uma pessoa para liderar esse processo junto aos consumidores, não haveria hoje uma CCR; 2) Sem a criação de uma tecnologia social e o engajamento de integrantes do LACAF/UFSC para permitir a replicação da experiência, não haveria hoje uma CCR; 3) Sem auto-organização dos agricultores familiares certificados de forma participativa pela Rede Ecovida, não haveria hoje uma CCR.

O início que todo mundo vê e os desafios da manutenção da CCR Canasjurê

O dia 11 de agosto de 2020 foi um dia muito especial, pois marcou o início efetivo das atividades da CCR Canasjurê com a primeira entrega das cestas fechadas e dos produtos adicionais na AMOCAN. As imagens a seguir ilustram a primeira entrega:

³⁶ O nome Canasjurê se deu em função da CCR surgir na intersecção entre dois bairros: Canasvieiras e Jurerê.

Figura 1: (a) Primeira entrega da CCR Canasjurê; (b) Imagem externa da Amocan



Fonte: (a) dados próprios; (b) google images.

Já se passaram 20 meses desde o início das atividades da CCR Canasjurê e, a seguir, buscarei sintetizar os principais desafios que se impõem para a sua manutenção.

a) Comunicação:

A forma principal de comunicação das CCRs é através da ferramenta do whatsapp. Conforme relatado anteriormente, foi criado um grupo virtual onde foram reunidos todos os consumidores, agricultores e alguns integrantes do LACAF que atuam como observadores e mediadores quando necessário. Neste grupo, são postadas as principais informações da dinâmica de funcionamento da CCR e, todas as reclamações e/ou elogios são incentivados a serem incluídos neste fórum público.

Aqui costuma ocorrer um problema, pois não raras vezes as pessoas perdem o bom senso na quantidade de informações publicadas, bem como no tipo de informação que se publica. Isso acaba impactando na disposição de algumas pessoas em permanecerem nesse espaço virtual.

Uma segunda forma de comunicação importante ocorre pela ferramenta 'canal de transmissão', onde um único emissor envia uma mensagem para um conjunto de

destinatários. Por este meio são divulgados semanalmente os conteúdos das cestas fechadas a serem entregues, bem como os produtos adicionais que serão disponibilizados na semana seguinte. Talvez, por conta disso, muita comunicação ocorra de forma bilateral, ou seja, apenas entre consumidores e agricultores, estabelecendo, assim, uma relação mais próxima entre ambos, mas, ao mesmo tempo, uma sobrecarga de trabalho para a pessoa responsável pela comunicação junto aos agricultores.

Dado que diferentes trabalhos de 'bastidores' são necessários para dar uma melhor dinâmica de funcionamento do 'grande' grupo de whatsapp da CCR Canasjurê, foram criados dois outros grupos virtuais tendo em vista ajudar o processo de comunicação, a saber: 1) Coordenadores de Consumidores da CCR Canasjurê; e 2) Coordenações Articuladas de Consumidores e Agricultores da CCR Canasjurê.

O primeiro grupo foi criado para ser um fórum interno dos coordenadores de consumidores para trocar ideias e discutir questões de funcionamento do projeto. Considerando que todos os coordenadores eram novos nesse processo, esse grupo foi muito utilizado nos primeiros meses do projeto, tendo em vista uma maior apropriação da tecnologia social da CCR. Já o segundo grupo virtual, coordenações articuladas de consumidores e agricultores, foi criado com o intuito de gerar uma maior aproximação entre ambas as coordenações e tentar facilitar a resolução dos diferentes problemas que poderiam existir. Também foi muito utilizado nos primeiros meses do projeto, dado que haviam diferentes detalhes que precisavam ser ajustados ao longo do processo. Nestes dois grupos virtuais criados, um outro problema que se tornou comum: a forma de se comunicar. A linguagem escrita exige um cuidado diferenciado em relação à linguagem oral e não poucas vezes isso foi motivo de atritos entre as pessoas que faziam parte dos grupos. Isso demandou bastante energia para as suas resoluções e foi razão para a saída de pessoas tanto da coordenação de agricultores, quanto da coordenação de consumidores.

b) Transporte

Desde o início da CCR Canasjurê, a questão do transporte foi um dos pontos mais frágeis desta CCR. Inicialmente, um dos agricultores transportava as cestas em uma van própria, mas precisava integrar a sua viagem com outros compromissos comerciais, dado que o mesmo também possuía uma loja de produtos orgânicos na cidade de Criciúma. Desse modo, haviam diversas paradas para comprar ou entregar alimentos, o que costumava atrasar a entrega das cestas na CCR Canasjurê e gerou insatisfação dos consumidores, pois havia um período de funcionamento que não estava sendo respeitado.

Em função da repetição desse tipo de problema e da impossibilidade do motorista em alterar a sua dinâmica de transporte (sair mais cedo ou alterar a ordem das entregas/retiradas de alimentos), o mesmo acabou se retirando do projeto CCR. Nesse sentido, assumiu como motorista, um outro agricultor do grupo que pegou emprestado um carro de transporte e foi realizando a entrega semanal. Neste caso, dentre os principais problemas relacionados estavam a falta de condições mecânicas do carro em fazer a viagem, bem como no trabalho extra que gerava ao agricultor em ter acesso à uma carreta emprestada: isso implicava em descarregar a produção do dono da carreta, limpar a carreta, carregar as cestas da CCR, transportar até a Amocan, levar as cestas vazias de volta, descarregar a carreta na sua propriedade, limpar a carreta para finalmente devolver ao amigo que emprestou. Os relatos do agricultor são de que boa parte desse trabalho não raras vezes era feito na madrugada.

Em função disso, o agricultor/transportador que também trabalhava com soldagem, desenvolveu um modelo próprio de carreta para transportar as cestas. Aqui, devido a um cálculo mal feito de engenharia (a altura da carreta não foi adequada), acabou gerando um acidente na BR-101. Por sorte, o agricultor não se feriu, mas ele perdeu o controle na estrada e a carreta capotou, o que fez perder toda a

entrega de uma semana. Após esse acidente, a carreta foi reconstruída, agora com uma altura mais adequada e nunca mais foi registrado nenhum acidente ou imprevisto na entrega. Mais recentemente, o agricultor/transportador adquiriu um novo veículo e o transporte deixou de ser um problema.

c) Manutenção do ponto de partilha

A CCR Canasjurê foi criada em uma das sedes da Amocan. Esta sede se localiza em uma movimentada Rodovia do bairro e não possui nenhum tipo de vigilância permanente, nem tampouco, algum trabalho de zeladoria que permita a manutenção da limpeza do espaço. Na prática, as diferentes atividades que ocupam o espaço (grupo de artesanato, grupo de idosos, grupo de danças, reuniões dos alcoólicos anônimos, eventos particulares, etc.) tem a responsabilidade de zelar pelo espaço. Em função da pandemia, todas as atividades estavam suspensas e, portanto, a Amocan estava sem receber nenhum cuidado.

Como comentado anteriormente, um grupo de consumidores realizou um mutirão de limpeza para organizar o início da CCR Canasjurê, dado que a Amocan estava desativada. Entretanto, o grupo logo constatou que não seria seguro deixar as cestas na Amocan para a retirada dos consumidores, como é a metodologia em outras CCRs, pois não havia quem cuidasse do espaço. A primeira ação dos coordenadores dos consumidores foi organizar diferentes escalas de voluntários que cuidavam das entregas das cestas. Isso funcionou bem no começo, mas poucas pessoas efetivamente se disponibilizavam a ficar como voluntários, seja em função dos seus trabalhos, dos cuidados com a família, seja em função do receio da pandemia ou mesmo porque não estavam dispostos a ceder o seu tempo para o projeto.

Nesse sentido, após observar a disposição de um casal de voluntários em sempre ajudar, a coordenação dos consumidores propôs a criação de uma função de zeladoria do espaço para esse casal, o qual teria a responsabilidade de cuidar para que nenhuma pessoa estranha tivesse acesso ao

local, bem como cuidar da limpeza da Amocan. Como uma contrapartida a esse trabalho, a coordenação dos consumidores, consultando o grande grupo de consumidores, instituiu uma taxa simbólica de zeladoria (R\$3/mês) para cada consumidor, de maneira que o mesmo pudesse adquirir uma cesta mensal de alimentos agroecológicos custeados pelo grupo. Sem a participação e o comprometimento deste casal de voluntários (sendo que uma delas é coordenadora de consumidores) dificilmente a CCR Canasjurê estaria funcionando neste momento.

Além disso, a coordenação de consumidores considerou pertinente contribuir para o pagamento de algumas despesas da Amocan, como a conta de água e/ou de luz, na medida em que seria uma contrapartida pela cessão gratuita do uso do espaço físico. Assim, foi instituída uma contribuição mensal espontânea no valor de R\$5 por consumidor, os quais foram revertidos para a Amocan. Mais recentemente, em março de 2022, a coordenação de consumidores decidiu transformar isso em uma taxa permanente como contrapartida para a Amocan, na medida em que muitos consumidores esquecem de contribuir, bem como para facilitar o processo de transferência financeira para a Amocan.

d) Clientelismo de consumidores e agricultores

Talvez, este aspecto seja um dos aspectos mais difíceis de se lidar em uma experiência de Comunidade que Suporta a Agricultura, em função das características do regime alimentar corporativo, que oferta mercadorias a qualquer hora e em qualquer lugar para um público consumidor que exige ser bem atendido, pagar pouco e ter qualidade no produto.

Em outras palavras, o ato de se consumir hoje está essencialmente ligado ao aspecto de se ter um cliente que precisa ser satisfeito. Este é o pensamento dominante das empresas no contexto de uma economia capitalista e está arraigado no modo de ser tanto de consumidores, quanto de agricultores.

Assim, a expectativa de uma boa parte dos consumidores é encontrar um alimento da mesma forma em que encontra em um

supermercado ou sacolão. Questões de sazonalidade, problemas na produção, impactos na aparência, externalidades positivas da agroecologia e outras questões, muitas vezes passam despercebidos pelos consumidores e, portanto, não são valorizados pelos mesmos. O cliente quer encontrar a mesma diversidade de alimentos que encontra no supermercado, mas quer pagar mais barato por ele e não quer se dar ao trabalho de ajudar nos 'vácuos organizacionais' que ocorrem quando se eliminam os intermediários dos circuitos de comercialização.

Tamanha é a presença desse perfil de clientes nas CCRs que os próprios agricultores, com o intuito de não perderem consumidores no grupo e, portanto, renda das cestas e produtos adicionais, por vezes acabam desvirtuando o andamento do projeto para satisfazerem os 'desejos e expectativas clientelistas' de consumidores.

Nesse sentido, há aqui um longo caminho a ser percorrido no intuito de se criar as condições de reflexão do ato de consumo, e na transição de um cliente que precisa ser satisfeito para um consumidor consciente que compreende o processo de consumo de forma sistêmica e cívica. Essa transformação tende a impactar no maior engajamento dessas pessoas em uma célula de consumidores responsáveis, permitindo maior participação, responsabilidade e autogestão dos coletivos de consumidores.

Resultados

Apesar dos inúmeros problemas gerados pelos 'vácuos organizacionais' que uma experiência de Comunidade que Suporta a Agricultura possui, há muito o que se comemorar com a criação da CCR Canasjurê.

De acordo com os dados do LACAF, em 2021, a CCR Canasjurê comercializou mais de 16 toneladas de alimentos, o que representou um faturamento aproximado de R\$117.000,00. Quer dizer, houve uma efetiva circulação e troca de alimentos agroecológicos e recursos monetários entre a CCR Canasjurê e o Núcleo SerraMar de Agroecologia.

Mais do que a troca comercial, a CCR Canasjurê proporcionou novas relações de

produção e consumo para além da racionalidade dominante em uma economia capitalista neoliberal: criação de vínculos de confiança e pertencimento foram criados entre as pessoas envolvidas; reflexões sobre o modo dominante de se produzir alimentos; novos conhecimentos sobre a importância sistêmica de produções agroecológicas; experimentação de novas gastronomias com alimentos pouco conhecidos pelos consumidores; preços mais justos para consumidores e agricultores; doações semanais de agricultores e consumidores para entidades filantrópicas que repassam para grupos em vulnerabilidade social; dentre outros benefícios. Estas são apenas algumas das fortalezas que a experiência das Células de Consumidores Responsáveis possibilita para a construção de sistemas alimentares territorializados, os quais cada vez mais se evidenciam como urgentes e necessários em face da crise civilizatória gerada pelo regime alimentar corporativo.

Agradecimentos

O autor agradece ao Laboratório de Comercialização da Agricultura Familiar, à Rede Ecovida de Agroecologia e aos integrantes da Célula de Consumidores Responsáveis Canasjurê pela oportunidade de fazer parte deste projeto de extensão universitária.

Referências bibliográficas

BARCELOS, L.; ROVER, O. MUÑOZ, E.; ANSALDI, R. **Células de consumidores responsáveis: ação coletiva na construção de novos mercados e redes de cidadania agroalimentar**, 2022. No prelo.

COELHO DE SOUZA, J; ROVER, O.; NODARI, E.S. Agricultores e consumidores em torno do acesso a alimentos agroecológicos: estudo de caso sobre as Células de Consumidores Responsáveis, SC, Brasil. In: DEPONTI, C. (org) **Extensão e Desenvolvimento Regional: da teoria à prática**. E-book: EDUEPB, pp. 265-292, 2021.

DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização de alimentos Ecológicos: reconectando produtores e consumidores, in: Niederle, P.A., Almeida, L., Vezzani, F.M. (Eds.), **Agroecologia: Práticas, Mercados e Políticas Para Uma Nova Agricultura**. Kairós, Curitiba, pp. 139–170, 2013.

LABORATÓRIO DE COMERCIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR - LACAF. **Laboratório de Comercialização da Agricultura Familiar**. Disponível em: <https://lacaf.paginas.ufsc.br/>. Acesso em: 11 de abr. de 2022.